

PRECONCEITO TAMBÉM SE APRENDE NA ESCOLA? APONTAMENTOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO LIVRO DIDÁTICO

*Fabrisa Leite B. da Silva*¹

Resumo: O estudo objetiva analisar os efeitos de sentido do discurso da pluralidade cultural em livros didáticos. Observando, assim, como a escola reproduz os discursos discriminatórios presentes na sociedade brasileira. O trabalho será desenvolvido através da perspectiva teórica e metodológica da Análise do Discurso, fundada por Michel Pêcheux, que compreende o discurso como um objeto sócio-histórico. Para fundamentar a reflexão, haverá um diálogo também com os trabalhos de Marx e Althusser a respeito do materialismo histórico e do funcionamento da Ideologia. Ainda em Althusser, servirá de apoio sua reflexão sobre Aparelhos Ideológicos de Estado. Para realizar a análise discursiva será tomada como materialidade o livro *Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo*, da Editora Moderna.

Palavras-chave: Ideologia. Discurso. Preconceito. Escola.

Abstract: The study examines the effects of sense of cultural diversity discourse in textbooks. Observing, thus, as the school reproduces discriminatory discourses present in Brazilian society. The work will be developed through the theoretical and methodological perspective of Discourse Analysis, founded by Michel Pêcheux, that understands the discourse as a social and historic object. Basing the reflection, there will be a dialogue with the works of Marx and Althusser about historical materialism and operation of Ideology. Still in Althusser, serve of support it reflection on Ideological State Apparatus. To carry through the discursive analysis will be taken as materiality the book *Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo*, of Moderna publishing house.

Keywords: Ideology. Discourse. Prejudice. School.

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta os primeiros resultados da pesquisa “Escola e preconceito: uma análise do discurso do livro didático de Geografia” que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), filiada à Linha de Pesquisa Discurso: Sujeito, História e Ideologia, e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL). Nosso objetivo é compreender, a partir da Análise do Discurso (doravante AD), como o livro didático apresenta a diversidade e a pluralidade cultural do país e produz sentidos sobre as regiões e suas disparidades. Por consequência, buscamos

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas, FAPEAL. E-mail: fabrisal@gmail.com.

também analisar como a escola reproduz os discursos discriminatórios presentes na sociedade brasileira, de forma que possamos: descrever, a partir das materialidades discursivas, marcas de preconceitos (regional, cultural, social e econômico) reproduzidas nos livros didáticos de Geografia; analisar como se dá a relação entre escola e ideologia a partir do funcionamento do discurso pedagógico materializado nos livros didáticos; bem como, refletir sobre as condições de produção do discurso enquanto parte constitutiva da relação sujeito/linguagem na produção e circulação de sentidos.

A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender o real papel da escola em relação à discussão acerca das diversidades e pluralidades regionais do país; possibilita, ainda, a reflexão sobre a manifestação das várias formas de preconceito materializadas no discurso do livro didático de Geografia.

No universo escolar, o livro didático é, atualmente, um dos principais instrumentos de apoio ao professor, utilizado como fonte de pesquisa em sala de aula, mediando o processo de ensino-aprendizagem. Não queremos aqui admoestar um material já tão criticado, mas sentimos a necessidade de olhar para este material de outra maneira, pelo viés da AD, buscando compreender nestas materialidades, em seus ditos e não ditos, os efeitos de sentido produzidos pelos discursos do livro didático.

Como objeto de análise, trabalharemos com o livro *Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo*, do autor Samuel Murgel Branco, publicado pela Editora Moderna, amplamente distribuído em território nacional.

Ao utilizar esta obra como materialidade, buscaremos compreender como se processa no ambiente escolar o discurso dominante em relação às diversidades e pluralidades regionais do país. E, a partir dessa compreensão, desenvolver críticas que possam contribuir para o debate sobre o caráter ideológico dos livros didáticos, apoiando-nos em Althusser (2003) que afirma que “as ideologias têm existência material, é nessa existência material que devem ser estudadas, e não enquanto ideias”.

A análise dessa materialidade discursiva tem permitido a compreensão do funcionamento do discurso pedagógico possibilitando o olhar crítico sobre a escola e as possíveis práticas discriminatórias.

A fundamentação teórica e metodológica que guia nossa pesquisa é a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux, que compreende o discurso como um objeto sócio-histórico. Também dialogamos com os trabalhos de Marx sobre ideologia como

função das relações de dominação de classe; e, com os trabalhos de Althusser a respeito do materialismo histórico e do funcionamento da Escola como Aparelho Ideológico de Estado enquanto mecanismo de perpetuação e reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração, tomando a escola também como o lugar/arena de lutas de classes.

A pesquisa também tem nos exigido um estudo crítico sobre o que apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o que propõe o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para compreender os efeitos de sentido produzidos pelo livro didático em ambiente escolar.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Com o surgimento da Linguística Moderna, a Língua é colocada como objeto de estudo e analisada em si e por si mesmo. Mas, questões como a pressuposição levaram a análise para fora da Língua. Fato que se intensificou ao se tomar ciência de que uma linguística de sistema por si só não seria capaz de esclarecer todos os meandros da comunicação. A Língua, então, não poderia mais ser estudada por si só.

Trabalhando inicialmente com conceitos e métodos da Linguística, “estudo linguístico das condições de produção” (BRANDÃO, 2004, p. 17), a AD passou, para que não corresse o risco de permanecer numa linguística imanente, a considerar outras dimensões como: o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação; os embates histórico-sociais que se inscrevem no discurso; o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior das formações discursivas.

Para a constituição deste novo campo do saber, Pêcheux formulou um quadro epistemológico da AD que engloba 3 regiões de conhecimento (BRANDÃO, 2004):

1. O materialismo histórico (como teoria das formações sociais e suas transformações): estes fundamentos sustentam explicações sobre situações das quais o sujeito participa como membro de uma sociedade estratificada por classes sociais, e onde ele assume diferentes papéis.

2. A linguística (como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação): que sustenta que os interlocutores, situados num aqui e num agora, não só se assumem reciprocamente, mas também se atribuem identidades, por um jogo de imagens ideologicamente forjadas a partir de formações discursivas vigentes.

3. A teoria do discurso (como a teoria da determinação histórica dos processos semânticos).

Tais regiões abarcam conceitos fundamentais como o de formação social, o de língua e o de discurso, todos eles atravessados por uma teoria da subjetividade.

Diferenciando-se tanto da língua, quanto da fala, o discurso não transmite simplesmente uma informação, mas constitui uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo; com caráter tridimensional, já que acontece na história, por meio da linguagem, materializando a ideologia. E é nesse ponto que linguagem e ideologia se encontram, já que é na primeira que a segunda se materializa. “A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe a outra parte, não verbal, que corresponde ao contexto da enunciação.” (BAKHTIN, 1929 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 09).

3 ESCOLA: UM APARELHO IDEOLÓGICO

Brandão afirma que a educação é

[...] uma prática social (como saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento. (BRANDÃO, 2006, p. 73-74)

Reproduzir e perpetuar suas condições materiais, ideológicas e políticas de exploração foi no passado, e ainda o é nos dias de hoje, a maneira encontrada pela classe dominante para que tenha garantido o seu poder de dominação. Com o intuito de concretizar tanto a reprodução quanto a perpetuação, ela (a classe dominante) faz uso de certos mecanismos que foram classificados pelo filósofo Althusser como Aparelhos Ideológicos.

Foi nos escritos de Marx (1983) a respeito de ideologia que Althusser encontrou a fundamentação teórica que deu base a sua afirmação de que é através dos aparelhos que a ideologia é transmitida ao indivíduo de modo que, “assujeitando-o”, possa convertê-lo em sujeito ideológico para que assim ele passe a colaborar na reprodução das relações já pré-estabelecidas na sociedade – ainda que acredite estar agindo por si e para si mesmo.

Estes aparelhos funcionam por meio de duas abordagens: pela repressão (Aparelhos de Repressão do Estado, ARE) e pela ideologia (Aparelho Ideológico de

Estado, AIE). Neste segundo grupo está o AIE escolar que, assim como os aparelhos Religioso (igrejas), Familiar, Jurídico (também ARE), Político, Sindical, de Informação (imprensa, rádio, televisão...), e Cultural (letras, artes, esportes...), funciona por meio da interpelação do indivíduo para que ele cumpra uma determinada função na estrutura de classes da sociedade.

No passado, reunindo numerosas e diferenciadas funções (religiosas, escolares, de informação e cultura), o AIE Religioso ocupava ao lado do AIE Familiar um importante papel no processo de formação do indivíduo. Com o passar dos anos, porém, este quadro foi-se alterando. Um primeiro fator é que a Igreja perdeu muitas de suas atribuições para outros AIE, principalmente para o AIE Escolar, fazendo com que a dupla Igreja/Família fosse substituída pela dupla Escola/Família. Outro fator relevante da participação dos AIE é que as famílias também diminuíram sensivelmente seu papel na educação de crianças e adolescentes. Dessa maneira, tem-se hoje o AIE Escolar como aquele que ocupa um lugar bastante significativo na formação do indivíduo, principalmente se for levado em consideração o fato de que as crianças entram, hoje, cada vez mais novas na escola, e é neste ambiente que passam boa parte do tempo que corresponde à sua formação - são horas por dia, durante vários anos, recebendo saberes gramaticais, matemáticos, históricos..., aprendendo como falar e comportar-se adequadamente, assimilando conhecimentos já prontos.

A escola (pública ou particular) é o estado; assim como a família. E é o estado que determina como deve ser/funcionar a família e a escola.

4 A PROPÓSITO DOS PCNS E DO PNLD

Datada do ano de 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trouxeram para a educação brasileira as diretrizes do trabalho a ser realizado em sala de aula. Os PCNs de Geografia, disciplina que no momento nos interessa, apresentam em seu desenvolver os temas que, segundo o governo, deverão ser trabalhados; destacando, inclusive, a importância social do conhecimento geográfico.

Dentre os temas apresentados pelos PCNs de Geografia está a pluralidade cultural, e em um tópico referente a este assunto os PCNs afirmam, entre outros, que:

A abordagem humanista adotada neste documento prevê por si mesma um tratamento metodológico [...] (BRASIL, 1998, p. 43)

[...] pode-se dizer que a pluralidade cultural está praticamente contemplada em todos os eixos propostos pela Geografia. (BRASIL, 1998, p.44)

Valorizar esse saber geográfico, intuitivo e cultural, aproximar o saber escolar do universo cultural do aluno é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem. (BRASIL, 1998, p.44)

Em sua lista de objetivos, os PCNs da disciplina Geografia apresentam como objetivo do ensino fundamental que o aluno seja capaz de (entre outros):

Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país (BRASIL, 1998, p.07)

conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1998, p.07)

Também constituído pelo governo federal, tal como os PCNs, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi criado para avaliar os livros didáticos, de forma a garantir que eles possam “atender às necessidades do professor, do aluno e da escola, com diversidade de teorias educacionais e pedagógicas, além de levar em consideração as diretrizes dos órgãos nacionais, estaduais e municipais de educação” (PNLD, 2008, p. 9).

A última avaliação do PNLD ocorreu em 2008 e dos livros analisados 27% não foram aprovados.

5 FUNÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO

No universo escolar, o livro didático é, atualmente, um dos principais instrumentos de apoio ao professor, utilizado como fonte de pesquisa em sala de aula mediando o processo de ensino-aprendizagem. A análise das sequências discursivas extraídas do livro em questão permitirá a compreensão do funcionamento do discurso pedagógico, possibilitando o olhar crítico sobre a escola e as possíveis práticas discriminatórias.

Segundo Orlandi (2001) “a ideologia se caracteriza, assim, pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade”. Neste sentido, considerando que é através da linguagem que o sujeito atribui sentido sobre si mesmo

e sobre o mundo, poderemos observar neste tipo de material didático, elementos relacionados aos gestos de interpretação produzidos nas relações sociais.

6 ALGUNS RECORTES

Cavalcante afirma que

[...] um mesmo fato pode ser captado e interpretado de formas diferentes por diferentes sujeitos o que resulta em diferentes discursos, que por sua vez, materializam-se em diferentes textos que, uma vez postos em circulação na sociedade, possibilitam várias leituras [...] pois que o sujeito leitor também produz sentidos e o faz a partir de referências culturais e ideológicas do grupo social no qual se inscreve. (CAVALCANTE, 1996, p. 91)

Afirma ainda que “não sendo neutro, porque é ideológico, todo discurso veicula valores, crenças, concepções de mundo” (1996, p. 93). Levando sempre em consideração que, como afirma Bakhtin

Não há, nem pode haver enunciados neutros. Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significado e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto. (BAKHTIN, *apud* FARACO, 2003, p. 25)

Sendo assim, partiremos para a análise de algumas materialidades discursivas, que possam nos permitir compreender como se manifesta a ideologia dominante no livro didático. Vejamos E1:

E1:

“Se você viajar de avião, de Salvador para as terras do interior da Bahia, e observar a paisagem, irá deparar com uma brusca mudança. O ambiente úmido da orla marinha, povoado de graciosos coqueiros, e a extensa planície de densa vegetação são, repentinamente, substituídos - a menos de 90 quilômetros do mar - por uma plataforma imensa, de solo pedregoso, de coloração amarelo-avermelhada onde vegetam apenas os cactos e arbustos espinhosos e retorcidos. Uma paisagem seca e pobre, contrastando tristemente com o panorama vivo e alegre do mar e das matas que ficaram para trás. É a paisagem do sertão. Sua vegetação é a caatinga.”

(BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**, 2003, p. 09)

O funcionamento do discurso acima delimita os sujeitos e produz sentidos positivos para as paisagens litorâneas, “panorama vivo e alegre do mar”, e negativos para as paisagens sertanejas, “seca e pobre”. Vale lembrar que, como afirma Foucault (1997), “O sujeito é uma função vazia, um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos que o ocuparão ao formularem o enunciado”. Assim, podemos questionar, a partir dos efeitos de sentido produzidos por este enunciado, quais as formas de

preenchimento que se fazem, a partir desta materialidade, em alunos do litoral e do interior do país. O enunciado citado confronta os PCNs de Geografia que afirmam ser necessário

Identificar e avaliar as ações dos homens em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e tempos, de modo que construa referenciais que possibilitem uma participação propositiva e reativa nas questões socioambientais locais (BRASIL, 1998, p. 35).

Se o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo, e se, ao pronunciarmos um discurso, agimos sobre o mundo, deveremos compreender as ações sugeridas por enunciados do tipo E2-E4.

E2:

“O caboclo é o único ser humano capaz de sobreviver nessas terras.”
(BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**, 2003, p. 16)

E3:

“O sertanejo é apenas contratado pelo fazendeiro, um rico proprietário, que vive no litoral e que, muitas vezes, nem sequer conhece suas próprias terras”
(BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**, 2003, p. 54)

E4:

“De aparência indolente e tostado pelo sol, com a pele esturricada como as próprias plantas espinhentas e retorcidas que o cercam”
(BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**, 2003, p. 16)

Os efeitos de sentido produzidos por estes discursos nos levam a tomar o sertanejo como um ser humano diferente dos demais; e, pior, a tomar o caboclo como um ser preguiçoso, como se o fato de viver na caatinga, por si só, fosse determinante para a constituição de um ser indolente. Os PCNs determinam que é preciso “valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a sociodiversidade, reconhecendo-os como direitos dos povos e indivíduos e elementos de fortalecimento da democracia.” (BRASIL, 1998, P. 35); porém, o que observamos nos enunciados citados é uma total desvalorização do ser, especificamente o caboclo.

Para Bakhtin (1992), o homem constrói sua existência dentro das condições socioeconômicas objetivas, de uma sociedade. Somente como membro de um grupo social, de uma classe social é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural. O nascimento físico não é uma condição suficiente para o homem ingressar na história, pois o animal também nasce fisicamente e não entra na história. Portanto, como afirma Bakhtin (1992) “é necessário, um segundo nascimento,

um nascimento social. Não se nasce organismo biológico abstrato, mas camponês ou aristocrata, proletário ou burguês”. Dessa forma, a ligação do homem à vida e à cultura se dá por meio da realidade social e histórica.

A partir destes conceitos, podemos compreender que nascer, biologicamente e socialmente, na caatinga faz, para o autor em questão, com que o indivíduo seja já classificado como indolente (preguiçoso) e já tenha determinado todas as funções que ocupará na sociedade (dono ou empregado da fazenda).

Para a AD, o sujeito do Discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pela Ideologia e pelo inconsciente. Histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca. Social, por que não é o indivíduo, mas aquele apreendido num espaço coletivo. “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da Língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (ORLANDI, 2002, p. 20).

O que define de fato o sujeito é o lugar de onde fala. Foucault diz que “não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar” (2005, p. 139). Esse lugar é um espaço de representação social (ex: médico, pai, professor, motorista etc.), que é uma unidade apenas abstratamente, pois, na prática, é atravessada pela dispersão. O sujeito pode ocupar várias posições no texto. Um único indivíduo pode assumir o papel de diferentes sujeitos. O sujeito é caracterizado pela incompletude. Mas essa marca vai se apagando de acordo com a função enunciativa que o sujeito assume. Hierarquicamente esse apagamento acontece da seguinte maneira: locutor/enunciador/autor.

Ratificando seu preconceito em relação à caatinga e ao povo da região, o autor segue afirmando (E5-E6).

E5:

“O principal meio de transporte no sertão nordestino é o jegue”

(BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**, 2003, p. 17)

E6:

“Como não possui automóvel, o sertanejo leva um dia inteiro transportando, sobre a cabeça ou no lombo do jegue, uma lata d’água que mal dá para saciar a sede da família”

(BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**, 2003, p. 15)

E, a respeito dos retirantes e dos cangaceiros (elementos que, para ele, configuram um único grupo) o autor afirma E7.

E7:

“Quando essas retiradas se dão em massa - e no caminho faltam comida e água -, os retirantes podem promover assaltos. Já houve época em que alguns indivíduos desses grupos de retirantes tornaram-se bandidos - os chamados jagunços -, os quais se embrenhavam na caatinga para fugir da polícia. Formavam, então, bandos, que passavam a viver de assaltos e matanças e empregavam sua própria justiça. O mais famoso desses bandos foi o de Lampião.”

(BRANCO, Samuel Murgel. **Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo**, 2003, p. 66)

Estas materialidades discursivas trazem a tona discursos construídos ao longo dos anos pela classe dominante. Como afirma Orlandi (2002) “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro” - no ponto em questão, o discurso do diferente, do menos favorecido, do desconhecido - e mostra como a ideologia que está no interdiscurso das sequências analisadas, configura imagens que podem se materializar em discursos preconceituosos.

Como afirma Pêchex (1988) “discurso é efeito de sentidos entre interlocutores em condições determinadas de produção.” E assim, tentamos compreender de que forma os efeitos de sentidos postos em circulação por estes discursos dominantes, parte da formação ideológica do capitalismo, provocam no aluno sertanejo que tem contato com a obra em questão, o sentimento de diminuição em relação a outras regiões do país.

7 À GUIA DE CONCLUSÃO

A linguagem se institucionaliza tanto historicamente quanto sob uma forma de ação sobre o outro e sobre o mundo. E é na linguagem, através dos discursos, que as ideologias são materializadas, reproduzidas e perpetuadas. E, tanto a reprodução quanto a perpetuação da ideologia, estão diretamente ligadas à reprodução e perpetuação do domínio da classe dominante.

Em um site na internet, cujo objetivo é a venda de livros, encontramos o seguinte discurso a respeito do livro analisado:

Entre os ambientes que caracterizam o nosso extenso território, o da caatinga constitui um dos mais singulares. Resultado da falta de uniformidade na precipitação e distribuição das chuvas, sua paisagem possui aspectos que a destacam daquela de clima desértico em todo o mundo. E é nesse ambiente que vive o sertanejo. Ele consegue, à custa de grande trabalho e perseverança, sobreviver num ambiente que poucas civilizações do mundo seriam capazes de adotar como sua pátria. O autor, biólogo, dá uma visão panorâmica desse ambiente,

salientando os problemas dele resultantes e sugerindo medidas que possibilitem a fixação do homem nesse vasto território. (Disponível em:

<http://www.martinsfontespaulista.com.br/site/detalhes.aspx?ProdutoCodigo=288876>)

Podemos perceber os efeitos de sentido causados por textos como os da materialidade analisada ao contrastarmos com outros textos com os quais eles dialogam. Há alguns meses foi noticiado no site do Jornal O Globo que o referido material didático havia sido recolhido no estado de Pernambuco. Dentre os comentários dos leitores havia um que dizia:

Mais uma vez, não se pode falar a verdade no Brasil. Os hipócritas de plantão não descansam. Então o sertanejo é culto e educado, lá tem metrô e carros importados e qualquer pessoa consegue sobreviver naquelas terras sem conhecimento ou treinamento específico? Juro que eu não sabia. (Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2009/06/01/livro-didatico-recolhido-em-pernambuco-acusado-de-distorcer-imagem-dos-sertanejos-756133308.asp>)

Percebemos, assim, que os livros didáticos de modo geral, e o livro em questão, não estão criando discursos, eles estão colocando em circulação discursos já cristalizados na sociedade brasileira, provocando efeitos de sentidos que mantêm as contradições entre diversas regiões do país, e que reforçam o discurso da classe dominante e da sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. 9ª ed. São Paulo: Graal, 2003.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRANCO, Samuel Murgel. Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo. 2ª Ed. Moderna, 2003

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos. 1ª Ed.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 2ª ed. Revisada. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL, Ministério Da Educação E Do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Guia de livros didáticos PNLD 2008: Geografia / Ministério da Educação. - Brasília: MEC, 2007.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Palavra e contra-palavra**. In: Educação: Revista do Centro de Educação da Ufal. Ano4. Nº 4. 1996

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: As ideias do círculo de Bankhtin**. Curitiba, PR: Criar Edições, 2003.

FIORIN, Jose Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Linguagem e ideologia**. 6ª ed. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

LIVRO DIDÁTICO recolhido em Pernambuco. **O Globo**. Pernambuco, 01 de jun. de 2009. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2009/06/01/livro-didatico-recolhido-em-pernambuco-acusado-de-distorcer-imagem-dos-sertanejos-756133308.asp>. Acesso em: 01/06/2009.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 1988.

_____. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SINOPSE online. **Martins Fontes**. Disponível em: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/site/detalhes.aspx?ProdutoCodigo=288876>. Acesso em: 15/07/2009

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 16ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.